

## A VIDA TRANS ESCOLAR E OS CURRÍCULOS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: FIOS TEÓRICOS PARA A ESCRITA DE UMA HISTÓRIA DO CURRÍCULO

### LA VIDA TRANS ESCOLAR Y LOS CURRÍCULOS DE CIENCIAS Y BIOLOGÍA: HILOS TEÓRICOS PARA ESCRIBIR UNA HISTORIA DEL CURRÍCULO

**Sareh Benjamin Almeida da Silva**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
sarehalmeida@gmail.com

**Marcia Serra Ferreira**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
marciaserraferreira@gmail.com

#### RESUMO

O ensaio sugere caminhos teórico-metodológicos para pensar *histórias de vida* nos currículos de Ciências e Biologia. Foca na produção da *vida trans escolar*, em um investimento teórico que toma a escrita como um espaço no qual a experimentação acontece. Se inspira em um arquivo composto por vídeos filmados e publicados em canais de pessoas trans na plataforma *youtube*, assumindo um diálogo com autores como Michel Foucault, Donna Haraway e Thomas Popkewitz para pensar como esse emaranhado nomeado vida, uma noção que constitui as Ciências Biológicas, tem sido significado nos processos de inclusão e abjeção-exclusão da vida trans na escola.

**Palavras-chave:** currículo; história do currículo; alquimia; vida trans escolar.

**Eixo temático:** 1. Currículos de Ciências e Biologia: histórias e políticas educacionais.

**Modalidade:** pesquisa acadêmica.

#### RESUMEN

El ensayo sugiere formas teórico-metodológicas de pensar las historias de vida en los currículos de Ciencias y Biología. Se centra en la producción de la vida trans escolar, en una inversión teórica que toma la escritura como un espacio en el que se produce la experimentación. Se inspira en un archivo compuesto por vídeos filmados y publicados en canales de personas trans en la plataforma *youtube*, suponiendo un diálogo con autores como Michel Foucault, Donna Haraway y Thomas Popkewitz para pensar cómo esa maraña llamada vida, noción que constituye lo biológico, ha sido significada en los procesos de inclusión y abyección-exclusión de la vida trans en la escuela.

**Palabras clave:** currículum; historia del currículo; alquimia; vida trans escolar.

**Eje temático:** 1. Currículos de ciencias y biología: historias y políticas educativas.

**Modalidad:** investigación académica.

## NA ESCRITA É ONDE TUDO COMEÇA: TECENDO FIOS COM AS VIDAS TRANS ESCOLARES

Este ensaio pretende sugerir caminhos teórico-metodológicos para pensar *histórias de vida* nos currículos de Ciências e Biologia a partir das questões de uma dissertação de mestrado em andamento, situada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Trata-se de uma análise exploratória que coloca em diálogo quatro investigações em andamento<sup>1</sup> no Grupo de Estudos em História do Currículo, no âmbito do NEC/UFRJ, uma delas especificamente voltada para a temática aqui explorada. Aqui, especificamente, a produção da vida trans escolar compõe o foco da pesquisa, em um investimento teórico que toma a escrita como um espaço no qual a experimentação acontece. Interessa-nos, portanto, explicitar nos movimentos e forma dessa escrita o modo como as vidas trans nas escolas se constituem historicamente, com efeitos na produção dos conhecimentos que constituem os referidos currículos. Assumimos que tal experimentação nos convida a refletir sobre como a produção imagética dessas vidas que proliferam na escola podem nos inspirar a abordar e (re)pensar a vida ‘biológica’ em tempos nos quais as redes sociais atuam na constituição subjetiva des estudantes.

Para seguir um fio condutor dos pensamentos, nossas reflexões são feitas em torno de alguns delineamentos que a escrita tem produzido na relação com o nosso arquivo de pesquisa. Este é composto por um conjunto de vídeos presentes na plataforma *youtube* e que foram filmados e publicados em canais de pessoas trans por elas mesmas. Aqui, por meio de reflexões teóricas que nos permitam uma análise discursiva das imagens presentes nesse arquivo, buscamos produzir um ensaio no qual a experimentação da escrita nos aproxime do modo como esse emaranhado nomeado *vida* tem sido significado nos processos de inclusão e abjeção-exclusão da vida trans na escola. Fazemos isso com vistas à constituição de possíveis diálogos dessa análise com a produção curricular em

---

<sup>1</sup> Estamos nos referindo ao projeto de mestrado do primeiro autor, desenvolvido com o apoio do Proex/Capes, e os seguintes projetos de pesquisa coordenados pela segunda autora, com recursos da Capes, CNPq e da Faperj: (a) ‘História do Currículo e das Disciplinas: desenvolvimento e uso de uma abordagem discursiva para investigações no ensino e na formação de professores’; (b) ‘História do Currículo como História do Presente: problematizando as tradições curriculares em diferentes áreas disciplinares’; (c) ‘A relação teoria-prática nos currículos da formação de professores de Ciências e Biologia: investigando processos alquímicos no tempo presente’.

Ciências e Biologia, assumindo que o alargamento da noção de vida pode nos indicar possibilidades para a criação de outros mundos possíveis.

## **SOBRE O ARQUIVO DE PESQUISA: IMAGENS QUE PROLIFERAM A VIDA TRANS NA ESCOLA**

Nosso interesse na produção da *vida* na escola nasce a partir da relação entre as mãos que compõem a dissertação de mestrado em andamento e o arquivo dessa pesquisa. Como já explicitado, este é composto por vídeos que foram filmados e publicados em canais de pessoas trans na plataforma *youtube*. Eles foram selecionados a partir de uma busca com os descritores “trans escola”, que obteve como resultado 84 vídeos que abordavam este tema. Após serem organizados em uma *playlist*<sup>2</sup> dentro da própria plataforma, focalizamos nossa atenção nos vídeos que foram gravados por pessoas trans. Nestes, travestis e transgêneres nos contam, de inúmeras maneiras, suas histórias sobre *como é ser trans na escola*. Em trabalho anterior acerca da subjetivação e regulação dos sujeitos trans nas escolas, percebemos nesse acervo a existência de

produções narradas, principalmente, em primeira pessoa por *aquelus*<sup>3</sup> que estão ou estiveram na escola na data de publicação do material, ou por meio de memórias dessas vivências, o que aponta a produção de discursos sobre um(ns) modo(s) de ser trans na escola com marcadores de tempo e lugar (SILVA; FERREIRA, 2023, p. 686).

Em tal cenário, notamos regularidades discursivas que informam a persistência de certos assuntos nos vídeos do arquivo, tais como: a maneira como essas pessoas trans se montam para ir à escola; o modo como a escola é apresentada; o nervosismo de estarem indo pela primeira vez para a escola como pessoas trans; a transfobia sofrida (ou não) em cada ambiente escolar. Para que fosse possível compreender tais regularidades presentes nos vídeos, eles foram transcritos primeiramente para documentos word, onde, por meio dos elementos discursivos, pudemos observar enunciados e performances sobre as possibilidades de *ser trans na escola* que surgem quando esses estudantes mostram seu cotidiano escolar na internet.

---

<sup>2</sup> É possível acessar a playlist neste link:

<https://www.youtube.com/watch?v=edozUCOFnQs&list=PLEEHjXhObu8IsWIM3LkynIIDz2HzNdhAv>

<sup>3</sup> Utilizo aqui o pronome neutro para abarcar todas as identidades dissidentes de gênero encontradas na busca que falam sobre suas experiências escolares.

O envolvimento com tais enunciados e performances, as palavras ditas, mas também as formas de falar e andar, um olhar direcionado para a câmera ou outro lugar, a montagem sendo feita para ir à escola, os lugares mostrados para o espectador – o pátio, a sala de aula, o banheiro –, enfim, aquilo que as imagens falam mesmo quando não há som, ou os sons produzidos mesmo na ausência da fala, toda a composição audiovisual nos apresenta mundos que se costuram ali naquelas cenas, para além do comum presente nas experiências filmadas. Transcrever se torna, então, um exercício de observar trejeitos e minúcias. O que inicialmente poderia parecer algum tipo de prática de tradução – a da fala para a escrita – dá contornos a movimentos de criação que passam a ocorrer de forma conjunta aos elementos audiovisuais.

A forma como essas histórias são contadas ocorre, de modo geral, em dois formatos: por meio de memórias ou apresentando-as no formato de *vlog*. Em ambos os casos, a narrativa passeia por ambientes em comum na escola. No primeiro formato, as cenas são feitas principalmente em casa, por meio de uma conversa direta com a câmera, ou em um quadro específico do canal, como um “maquia e fala”. Já no formato de *vlog*, as imagens apresentadas permeiam um cronograma comum escolar por meio das imagens: o dia começa com elas se arrumando para ir à escola, mostrando posteriormente o caminho, quando chegam no colégio. Lá dentro, todo o ambiente é contado por elas: seus momentos no pátio, em sala de aula, durante o intervalo, no horário do almoço, janta ou café, indo ao banheiro, em atividade com a direção.

A diferença entre esses dois tipos de vídeos é, portanto, a ‘configuração’ do tempo. Enquanto nas filmagens de *vlog* há uma sequência cronologicamente linear do tempo na contagem de histórias por meio de uma sequência temporal de acontecimentos nos espaços, nas filmagens das memórias as histórias são narradas de maneira descontínua, sendo conduzidas por fios gerados a partir de acontecimentos considerados marcantes e plausíveis para comunicar uma experiência trans na escola. Ainda assim, em ambos os formatos as histórias contam a *vida trans* acontecendo na escola.

No ato da transcrição, logo percebemos que se perde ou se ganha algo na passagem da oralidade para a escritura. O texto pede para que se narre os cenários, se encaixe os barulhos, para que se informe quem está falando, se mostre o lugar apresentado na

imagem; em tal processo, escrever essas histórias cotidianas tornou-se uma ação de *fazer-com*. Como Isabelle Stengers (2011)<sup>4</sup> afirma,

se co-comentar significa pensar-com, isto é, devir-com, trata-se em si mesmo de uma maneira de retransmitir [...]. Mas saber que aquilo que tomamos nos foi antes oferecido envolve um tipo de específico de pensar “entre”. Isso não requer fidelidade, muito menos submissão, mas um tipo particular de lealdade, em resposta à confiança da mão estendida (STENGERS, 2011, p. 134 *apud* HARAWAY, 2023, p. 65).

Escrever se torna, então, uma ação de fabular junto com elus – es estudantes trans –, pois havia um convite para encenar as cenas e imaginar memórias junto com elas. Esses movimentos nos colocam a refletir sobre a vida que se engendra nas escolas a partir da presença e da permanência, do convívio, da participação, da vivência escolar desses alunos e alunas trans, mas também a imaginar *com elas*. Todo esse processo se dá em meio a uma *abordagem discursiva* que, em diálogo com Michel Foucault, assume a História do Currículo como História do Presente (FERREIRA, 2013, 2015, 2022; FERREIRA & SANTOS, 2017). Assim, entendemos que essas histórias de vida trans escolar se enredam, no presente, em uma política curricular que não cessa em multiplicar as possibilidades dessas existências no chão da escola.

Para nos afastarmos do risco de buscar alguma representação possível do que pode significar *ser trans na escola*, pois este é um um exercício que nos atrai como em um *buraco negro*, apostamos em movimentos contorção e dobra da palavra com os próprios signos representacionais que surgem discursivamente. Fabular, nesse sentido, se apresenta como um caminho ético e estético possível para esse investimento teórico de contar histórias de vidas trans *com* estas vidas. Afinal, acreditamos que

É a circulação nessa paisagem de signos que define a ficcionalidade: a nova maneira de contar histórias, que é, antes de mais nada, uma maneira de dar sentido ao universo empírico das ações obscuras e dos objetos banais (RANCIÈRE, 2009, p. 54-55).

Nos inspiramos, então, na *fabulação especulativa* de Donna Haraway para delinear chances de poder contar histórias de vida que permitam a continuidade e proliferação delas, em um movimento sempre fugidio de aprisionar ou encerrá-las. Assumimos o caráter ficcional da escrita, na intenção de argumentar que não se finda aqui, nestas ou em outras páginas, a vida trans que nasce e vive nas escolas; diferentemente, este atua como um convite para continuar imaginando e criando, abrindo caminhos para

---

<sup>4</sup> Stengers, “Relaying a War Machine?” 2011, p. 134

mundificações, em uma expectativa de que essas histórias não parem nunca de transbordar e de que a *vida* seja um adjetivo para *trans* mais do que *morte* e *violência*.

Afinal, segundo a autora, a fabulação especulativa

é um método de rastreio para seguir um fio no escuro, em um conto de aventuras real e perigoso onde quem vive e quem morre (e de que maneiras) pode tornar-se mais nítido para o cultivo da justiça multiespécie. [...] é prática e processo; é devir-com reciprocamente em retransmissões surpreendentes; é uma figura para a continuidade (HARAWAY, 2023, p. 15).

A fabulação especulativa tem a ver, portanto, com “dar e receber padrões, com soltar fios e falhar – mas, às vezes, encontra-se algo que funciona, algo que consequente e talvez até mesmo belo, que não estava ali antes” (HARAWAY, 2023, p. 26). Além disso, “a ficção permite-[nos] assumir a não transparência da escrita sem, entretanto, dispensar a alteridade” (RANNIERY, 2018, p. 985). Escrever é se enredar no arquivo com *responsabilidade*, o que envolve considerar a “ausência e presença, matar e cuidar, viver e morrer – e sobre lembrar de quem vive, de quem morre” (HARAWAY, 2023, p. 51). Convocamos essa respon-sabilidade para lembrar-nos das travestis e transsexuais que pisaram e pisam no chão da escola, mas ainda não conseguem permanecer; fazemos isso para cuidar daquelas que virão, para honrar o tempo que ficamos e para proclamar a perpetuação dos modos de vida trans na escola.

## ENTRE TECNOLOGIAS DA IMAGEM E DO EU, UMA RELAÇÃO ESTÉTICA COM A VIDA ESCOLAR

Em um primeiro fio dos entrelaçamentos que produzimos com o arquivo, percebemos que o movimento de falar de si nos vídeos faz parte daquilo que Michel Foucault (2004) chama de *tecnologias de si*, que são definidas como aquelas que

permitem aos indivíduos efetuarem, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade (FOUCAULT, 2004, p. 323-324).

As tecnologias de si presentes nos vídeos nos informam um modo de constituição ética e estética do que poderia ser *trans na escola*. Foucault (2004) nos conta que essas tecnologias se enredam em jogos de verdade que se dão na relação de si para consigo e de si para com o outro, nos propondo que a constituição de um eu se dá por meio das relações de alteridade. Ao deslocar esse exercício de si para o tempo presente, vemos que

esses jogos de verdade ocorrem em um cenário social biopolítico no qual a constituição de um *eu* é sempre infinda e prolífera.

Michel Foucault situa a formação das sociedades disciplinares durante os séculos XVII e XVIII por meio das técnicas de poder disciplinar, que se centravam no corpo individual através das hierarquias, exercício, treinamento, um poder que se exercia através de um sistema de vigilância. Em meados do século XVII para o XIV, ele percebe que em essas técnicas disciplinares de poder dão lugar a outra tecnologia, que não exclui a primeira, mas a integra, nomeando-a de biopoder (ou biopolítica da espécie humana), uma vez que se relaciona com o corpo como espécie, um poder que

se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença etc. (FOUCAULT, 1976).

Para o autor, portanto, “as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 2020, p. 150). Deleuze & Guattari (1992) contribuem com essa questão por meio da concepção das sociedades do controle, em que a crise das instituições de ‘confinamento’, fundamentais para a sociedade disciplinar, tais como a escola, o hospital, a prisão, a família, se dão junto com a mutação de um capitalismo que acompanha também uma evolução tecnológica. Em tais sociedades, ainda que as hierarquizações e confinamentos sejam elementos que possuem força na gestão política e social, os espaços de liberdade, onde a tecnologia atua com significativa importância, tomam protagonismo na produção subjetiva. Afinal, segundo os autores:

[...] as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo a pirataria e a introdução de vírus. [...Trata-se de] uma mutação do capitalismo. [...] A família, a escola, o exército, a fábrica não são mais espaços analógicos distintos que convergem para um proprietário, Estado ou potência privada, mas são agora figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de uma mesma empresa que só tem gerentes (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 223-224).

Isso significa que, desde a entrada na era digital, os mecanismos tecnológicos de comunicação se tornam cada vez mais sofisticados. Junto com a popularização do smartphone, veio também o surgimento do que hoje temos por *algoritmo*, que permite não só a customização de um layout de computador ou celular, mas daquilo que se quer assistir, consumir, ocasionando transformações não somente no modo como a informação é veiculada, mas na maneira como a vida é produzida e capitalizada.

Por meio das redes sociais vivenciamos o bombardeamento instantâneo de imagens e sons, o que torna imprescindível levar em conta que a velocidade da informação já não nos permite mais escapar da efemeridade e mutabilidade das criações de nossas próprias ficções, além de sugerirem, segundo Paula Sibilia (2007, p. 57), “profundas implicações na experiência cotidiana, na construção das subjetividades e nos relacionamentos sociais e afetivos”. Retomando ao cenário social biopolítico, entendemos que o algoritmo compõe um conjunto de elementos atuantes na fabricação de corpos que estão sempre no processo de *vir a se tornar* alguém, nunca findados em si mesmo, engendrados em sistemas de pensamentos que nos regulam e nos produzem. Os vídeos aqui investigados participam, portanto, da produção dos *modos de ser trans* na escola – em um eterno jogo com as imagens –, o que se dá de maneira performática. A constituição de um *eu*, neste caso, se apresenta como um movimento ético de si mesmo e estético com modos de se apresentar ao mundo, onde as redes sociais atuam como um dos espaços em que a subjetividade é produzida ou, neste caso, performada.

## **QUE PAISAGENS COMPÕEM OS CURRÍCULOS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA QUANDO DESLOCAMOS E CONTORCEMOS A *VIDA* QUE *TRANSPASSA* A ESCOLA?**

A partir das reflexões suscitadas sobre a vida trans que se produz na escola por meio das imagens dos vídeos que têm sido investigados, tendo em vista um cenário em que as redes sociais fazem cada vez mais parte do cotidiano escolar, buscamos indícios de como vidas ditas *impossíveis* transbordam as possibilidades curriculares do ensino de Ciências e Biologia como a ciência que estuda *a vida*. Tal impossibilidade se refere à sobrevivência dos corpos trans em meio à políticas de violência, morte e constante invisibilização, principalmente por meio de grupos conservadores da sociedade.

Thomas Popkewitz (2016) nos ajuda com essa busca a partir do conceito de *alquimia das disciplinas escolares*. O autor emprega esse conceito em seus trabalhos para pensar “sobre os modos como o currículo opera a conversão das disciplinas científicas em disciplinas escolares” (POPKEWITZ, 2016, p. 1127). Segundo o autor, a noção de alquimia se trata de um recurso analítico referente aos processos de conversão de conhecimentos científicos e acadêmicos em “meios para a criação de disposições psicológicas desejáveis nos alunos” (POPKEWITZ, 2016, p. 1130). Afinal,

[...] ao se tornarem escolares, as disciplinas passam a ser em primeiro lugar, instrumentos para a fabricação do cidadão desejado, de modo que o aprendizado das áreas de conhecimento torna-se uma preocupação secundária (POPKEWITZ, 2016, p. 1130).

De acordo com o autor, na tentativa de incluir os estudantes em um modelo cosmopolita de formação de cidadão – um sujeito inovador, autogerido e solucionador de problemas –, considerando os problemas sociais presentes que poderão ser corrigidos no futuro a partir da educação, ocorre também a exclusão dos que não conseguem se adequar ao modelo. Assim, ao mesmo tempo em que há uma expectativa do cidadão a ser formado a partir da educação, que carrega uma promessa de salvação para as desigualdades sociais do presente, há um medo que caminha junto com a expectativa, o medo em relação às pessoas que, por diversos motivos, não correspondem às caracterizações desse projeto de *cidadão do futuro* a ser formado pela escola. Assumindo tal perspectiva, o que pensar sobre as vidas trans em projetos de futuro nos quais as vidas dissidentes esgarçam a noção de vida que temos ensinado e aprendido? Como evidenciamos nas imagens analisadas, não é possível enquadrar a vida trans em um tipo de sujeito específico, para incluí-lo de modo definitivo nos currículos de Ciências e Biologia, pois haverá sempre um *de fora*, que não irá se adequar ao modelo.

Nesses jogos de inclusão e abjeção-exclusão do sistema escolar, os currículos funcionam como produtores de quem somos e podemos ser, uma vez que a “alquimia esconde processos sociais, culturais e políticos por meio dos quais o conhecimento é produzido” (POPKEWITZ, 2016, p. 1145-1146). Podemos entender, então, no diálogo com Thomas Popkewitz, por meio das imagens produzidas, enunciadas e performadas pelas vidas trans na escola, que esses imaginários ‘virtuais’ constituem, alquimicamente, processos de subjetivação que literalmente *transpassam* os currículos de Ciências e Biologia, pois colocam em questão os próprios processos sociais e políticos nos quais a vida é significada como conhecimento escolar.

Em Fausto-Sterling (2001), por exemplo, é possível compreender como a própria noção de corpo humano é concebida de maneira binária pela produção científica por meio do apagamento de corpos intersexuais em suas múltiplas maneiras de existir, em que “o conhecimento desenvolvido pelas disciplinas médicas dá aos médicos o poder de sustentarem uma *mitologia do normal*, alterando o corpo intersexual para ajustá-lo, tanto quanto possível, a um dos dois escaninhos [macho e fêmea]” (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 27, *grifos nossos*). Isso nos ajuda a pensar nos efeitos discursivos

que se hegemonomizam em processos de tradução de conhecimentos escolares sobre os corpos (e *vidas*) *trans* nas disciplinas escolares Ciências e Biologia.

Em produção anterior (SILVA, FERREIRA, 2023), juntamente com Catarina de Cássia Moreira e Marcia Ferreira (2021), as autoras também ponderam sobre a subjetivação de *identidades dissidentes*<sup>5</sup> a partir das produções acadêmicas publicadas em edições do Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBIO). As autoras discorrem sobre como as *identidades dissidentes* têm sido subjetivadas nos (e pelos) currículos de Ciências e Biologia, propondo uma reflexão a respeito de “como os discursos acadêmicos participam de todo esse processo, produzindo pesquisas e relatos que nos informam quem devemos ser em termos de gêneros e sexualidades”, além de que conhecimentos devem ser ensinados e aprendidos sobre tais temáticas nos currículos escolares<sup>6</sup>. No diálogo com Michel Foucault e Thomas Popkewitz, as autoras destacam o quanto essa rede de práticas discursivas insere aparatos regulatórios sobre a constituição de professores e estudantes quanto ao gênero e à sexualidade.

Em contrapartida, com os vídeos do nosso arquivo percebemos que retratar o cotidiano escolar em formato de *vlog* pode indicar a popularização de uma *tendência virtual*<sup>7</sup>. Quanto ao conteúdo mostrado nas mídias, percebemos que todas as mídias estão organizadas em cinco (05) momentos: (1º) antes de chegar na escola, incluindo a arrumação em casa e o trajeto para ir ao local; (2º) chegando na escola; (3º) momentos na sala de aula; (4º) momentos fora da sala de aula, relativos ao intervalo/recreio; (5º) momentos após a saída da escola e a finalização do vídeo. Mesmo que os locais não sejam mostrados nos vídeos, eles são comentados por elas indicando que não foi possível gravar e contando como foi cada experiência em cada um desses espaços.

Colocando em diálogo essas análises e o trabalho de Catarina de Cássia Moreira e Marcia Ferreira (2021), percebemos que nas disputas por significações em torno do sujeito escolar (*dissidente* do sexo-gênero), entram em jogo as diferentes reivindicações e propostas quanto à formação de professores voltadas para a temática gênero e sexualidade

---

<sup>5</sup> Essa noção toma como referência Paul Preciado (2020, p. 28) quando se afirma “um dissidente do sexo-gênero. Uma multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário.”

<sup>6</sup> MOREIRA; FERREIRA, 2021, p. 372

<sup>7</sup> Tendências virtuais são comumente caracterizadas como *trends*, tipos de conteúdo que se popularizam entre os criadores de conteúdo na internet.

e quanto às condutas e formas de existências dos corpos dissidentes na escola em meio aos jogos de saber e poder, produzindo efeitos nos currículos acadêmicos e escolares.

Questionar, então, a própria noção de conhecimento historicamente produzida nos processos alquímicos que vieram produzindo essas disciplinas escolares é fecundo para pensar em como esses estes reverberam no ensino de biologia, a partir e *com* essas vidas. Além disso, direcionar a atenção para as aberturas e brechas que constituem os cotidianos escolares abrem possibilidades para a criação de outros modos de aprender possíveis, nos quais seja possível considerar os processos históricos pelos quais o pensamento e saber científico se produz – pois estes estão sempre arraigados a compartilhamentos de produção do saber –, mas também os conhecimentos que *já estão sendo produzidos* pelos diferentes atores nos processos de aprendizagem. Esses atores são sempre únicos, históricos e contingentes. Aqui vimos que atuam também as imagens, a imaginação e as redes sociais, por exemplo. É visível, no tempo presente, que as *vidas trans escolares* partilham na própria carne multiplicidades de existências de vida convocando outros movimentos de (e para) *pensar junto* a escola, o ensino e seus conhecimentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, M. S. História do currículo e das disciplinas: apontamentos de pesquisa. In: FAVACHO, A. M. P.; PACHECO, J. A.; SALES, S. R. (org.). **Currículo, conhecimento e avaliação: divergências e tensões**. Curitiba: CRV, 2013, p. 75-88.

FERREIRA, M. S. História do Currículo e das Disciplinas: produzindo uma abordagem discursiva para investigar a formação inicial de professores nas Ciências Biológicas. In: Leite, M. S.; Gabriel, C. T. (org.). **Linguagem, Discurso, Pesquisa e Educação**. Petrópolis/Rio de Janeiro: DePetrus/FAPERJ, 2015, p. 265-284.

FERREIRA, M. S. Curriculum History as History of the Present: between the alchemy of knowledge and the fabrication of subjects. In: Weili Zhao; Thomas S. Popkewitz; Tero Autio. (Org.). **Epistemic Colonialism and the Transfer of Curriculum Knowledge across Borders: applying a historical lens to contest unilateral logics**. 1ed. New York: Routledge, 2022, p. 118-133.

FERREIRA, M. S.; SANTOS, A. V. F. Discursos curriculares no/do tempo presente: subsídios para uma articulação entre a História e as Políticas de Currículo. In: LOPES, A. C.; OLIVEIRA, M. B. (org.). **Políticas de Currículo: pesquisas e articulações discursivas**. Curitiba: CRV, 2017, p. 55-78.

SILVA, S. B. A.; FERREIRA, M. S. Investigando a subjetivação e a regulação dos sujeitos trans escolares na internet: efeitos nos currículos de ciências e biologia. In **Atas do EREBIO**, 2023.

- SILVA, S. A.; FERREIRA, M. S. Investigando narrativas de (e sobre) pessoas trans na internet: produção da vida no currículo escolar. In: **Atas do ENPEC**, 2023.
- DELEUZE, 1992. Conversações, 1972-1990. Tradução de Peter Pál Pelbart. - São Paulo: Ed 34, 1992. (8ª reimpressão, 2009).
- FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. Cadernos Pagu (17/18). pg 9-79. In Cap. 1 de *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*. Nova Iorque, Basic Books, 2000. Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Valter Arcanjo da Ponte. 2001/02
- FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: \_\_\_\_\_. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 03-26.
- FOUCAULT, M. Tecnologias de si, 1982. VERVE: Revista Semestral do NU-SOUL - Núcleo de Sociabilidade Literária/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Tradução de Andre Degenszajn. N.6, p. 321-360, 2004.
- FOUCAULT, M. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. Tecnologias de si, 1982. VERVE: Revista Semestral do NU-SOUL - Núcleo de Sociabilidade Literária/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Tradução de Andre Degenszajn. N.6, p. 321-360, 2004.
- FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque – 10ªed – Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2020.
- HARAWAY, D. Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno. Trad. Ana Luiza Braga. 1ed. Maio/2023.
- POPKEWITZ, T. S.; LIMA, Ana Laura Godinho; GIL, Natália de Lacerda. Sistemas de pensamento na educação e políticas de inclusão (e exclusão) escolar: entrevista com Thomas S. Popkewitz. Educ. Pesqui. vol.42 no.4 São Paulo out./dez. 2016, p. 1127-1151. 2016.
- PRECIADO, P. B. Um apartamento em Urano. Crônicas da Travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e política. Tradução de Mônica Costa Neto - São Paulo: EXO experimental org. Ed. 34, 2009. 72.
- RANNIERY, T. Vem cá, e se fosse ficção? Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 982-1002, set./dez. 2018.
- SIBILIA, P. O show do Eu. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2007.